

FOFOQUEIRA OU ROMANCISTA

Podcast Bobagens Imperdíveis

Transcrição do episódio

Conta a história que, mil anos atrás, no Japão do século 11, existiu uma mulher que foi a mais amada do Imperador.

Ele pedia direto para ela ir visitá-lo no quarto dele, o que despertava o ciúme das outras esposas, que sempre que podiam praticavam bullying com a tal preferida. Não aceitavam de jeito nenhum que uma concubina tão BÁSICA, tão desaplaudida pela alta sociedade pudesse receber tanta atenção do Imperador.

O nome dela era Kiritsubo.

Kiritsubo deu um filho ao Imperador, que foi chamado de Genji e apelidado de O Iluminado. Hikaru Genji. Apesar de não ser o filho mais velho, o Imperador gostava tanto dele que pensava em fazê-lo herdar o trono. Mas era tanta ciumeira, tanta disputa de poder que Kiritsubo chegou a ficar doente, definhou de tristeza e morreu quando o Genji ainda era bem pequeno.

O Imperador consultou vidente, astrólogo, coaches pra saber que destino dar a esse filho tão querido e chegou à conclusão que coitado desse menino se virar príncipe sem nenhum apoio político por parte da família da mãe, que realmente não tinha muito status. Decidiu coroar o mais velho mesmo e que o Genji seria educado como cidadão. Foi criado ali no palácio, estudando o melhor das artes e se preparando para assumir seu brilhante destino como... funcionário público.

Nisso o Imperador encontra uma nova esposa que se torna a nova favorita justamente por ser a lata da falecida Kiritsubo. Apesar de Genji não se lembrar da cara da mãe, porque ele era muito bebê quando ela morreu, quando ele conhece a madrasta, fica obcecado por ela. Isso com 6 anos. Desde muito novo ele fica fissurado por essa mulher, e à medida que ele cresce vai sendo tomado por um desejo cada vez mais forte por ela.

Quando faz 12 anos, ele fica noivo de uma menina de 16, filha de um dos principais conselheiros do pai. Genji acaba se casando com Aoi, mas não vê nenhuma graça nela, porque não consegue tirar a madrasta da cabeça.

Apesar de ser um rapaz sensível, muito galante, fofo, educado E comprometido, Genji é um verdadeiro moleque-piranha e pega várias mulheres Japão afora, ainda que esses casos não terminem muito bem.

Ele se torna um herói não de grandes batalhas ou de vinganças sangrentas, mas um herói de aventuras sexuais, usando seu charme e sua poesia como armas. Ele pega mulher rica e ciumenta, pega mulher pobre, pega mulher casada, pega mulher que é possuída por espírito. Até aí tudo bem.

Até o dia em que ele conhece Murasaki. Que é Violeta em japonês. Murasaki é então uma criança, uma menina de uns 10 anos de idade, que é na verdade sobrinha da madrasta dele, a Fujitsubo. Parecidíssima com ela.

Ele fica tão doido por Murasaki por essa semelhança, que ele praticamente sequestra a garota, "pega pra criar" e dar a melhor educação para que ela cresça e se torne sua amante ideal, a Fujitsubo que ele pode pegar sem culpa. É. Ele vira amante de uma jovem que ele criou desde menina que parece a madrasta que parece a mãe.

Não bastasse isso, ele e a madrasta acabam se pegando e ela engravida dele! Ninguém sabe, todo mundo acha que o filho é do Imperador, o que o coloca nessa estranha situação de ser visto como meio-irmão do seu próprio filho.

Bizarríssimo.

A boa notícia que eu tenho para te dar é que essa história foi completamente inventada.

Ficção pura.

O que contei agora é parte da história do romance Genji Monogatari, ou o Conto de Genji, escrito no Japão MIL anos atrás, por uma mulher que não se sabe o nome verdadeiro, mas que passou a ser conhecida pelo nome da personagem mais famosa da história: Murasaki Shikibu.

O romance segue toda a vida de Genji até a velhice e depois dela, narrando as histórias dos netos dele. Uma história cheia de pegação, intrigas políticas, traição, rivalidades e muito Complexo de Édipo.

Mas tem outra história por trás desse romance, com personagens que realmente existiram e fizeram parte do contexto da invenção de Genji. A história de uma escritora que usou tudo o que ela sabia da vida dos outros não para fazer fofoca, mas para criar uma obra inovadora, cheia de beleza, que ficou para a história como o primeiro romance já escrito.

Eu sou Aline Valek e você está ouvindo Bobagens Imperdíveis.

Ao chegar no cenário da história, em um tempo muito distante do nosso, talvez você não o ache tão estranho assim. Estamos no Japão, num período que ficou muito marcado no imaginário, que já vimos várias vezes em filmes, em animes, em pinturas antigas.

O Japão do período Heian. Esse período durou uns 400 anos: começou no ano de 794 e foi até 1185. Foi uma época em que a cultura estava bombando: nas artes, na literatura, na moda. Foi aqui o apogeu do pensamento budista, também a ascensão dos samurais.

Se você andasse pela capital, que na época era Kyoto, ia ver nobres passando com sua escolta de samurais armados; as mulheres com aqueles quimonos de seda lindíssimos, com doze camadas, cores exuberantes, o rosto pintado de branco e os dentes de preto; uma riqueza de estampas, de detalhes; aquelas mansões com decoração minimalista, biombos estampados.

Era uma época em que não fazer nada além de se dedicar às artes era muito valorizado. Se você era nobre, claro. Nesse círculo, quem não tinha aptidão nas artes era completamente tirado de tempo. Ninguém convidava para as festinhas, nem queria saber de se envolver amorosamente com alguém sem talento, que não soubesse pintar, tocar algum instrumento, dançar, contar história, ou manjar de poesia.

Que era muito importante, aliás. O pessoal lia muita poesia, e fazia muita poesia; qualquer coisa o povo respondia com poesia, trocava mensagens por poesia, mandava umas poesias no improvisado. Devia até ter batalha de rimas.

Então valorizavam muito a leitura, garantir uma boa educação para os jovens, para que eles pudessem desenvolver todo seu potencial artístico, e se tornar as pessoas cultas que eram o ideal dessa sociedade.

Por isso o pessoal do palácio se empenhou em conseguir uma professora talentosíssima para ensinar chinês para a jovem Shoshi, uma das esposas do Imperador Ichijo. Ela tinha 16 anos nessa época – o Imperador também era bem jovem, era só 2 anos mais velho que ela, e coroado desde os 6 anos de idade, porque não era incomum colocar crianças no trono.

A mulher que chegou na corte para ser professora e dama de companhia da Shoshi era filha de um funcionário público, uma jovem viúva que tinha uma filha pequena. O nome dela era (barulho inaudível), mas vamos chamá-la aqui de Murasaki Shikibu, como ela ficou conhecida anos mais tarde.

Murasaki era fluente em chinês, o que não era muito comum entre as mulheres da época, porque chinês era o idioma da alta cultura, dos autores clássicos, dos principais textos budistas, então tinha um status dominar o idioma chinês e esse privilégio estava muito mais na mão dos homens. Mas Murasaki era safa: quando o pai dela

ensinava chinês para o irmão, ela ia junto e ficava assistindo às aulas.

Em um dos diários que Murasaki escrevia, e ela escrevia muito, ela deixou registrado o seguinte:

"Quando o meu irmão tinha aulas de leitura, costumava hesitar ou esquecia-se de certas passagens que eu, curiosamente, compreendia. O meu pai, muito versado nas letras chinesas, lamentava-se: 'Que pena que ela não seja um rapaz!'"

Quando Murasaki chegou ao palácio, ela já era uma mulher cheia de skills:

- fluente em chinês;
- um amplo repertório de literatura;
- tocava cítara, alaúde, tamborim;
- escrevia bastante, tanto no seu diário quanto uma infinidade de poemas.

Na corte, ela passava a maior parte do tempo num salão reservado a outras damas de companhia da Shoshi, todas também com algum talento artístico. Elas ficavam lá compondo, escrevendo e produzindo arte para a mulher do Imperador. Chique demais. E cada esposa do Imperador tinha um Salão desses com suas próprias artistas, todas mulheres!

Em alguma medida, as esposas deviam competir entre si através das suas artistas, pensando no contexto de ciúmes que rolava na corte. Tipo: "Ah, nada mais divino que esses poemas que as minhas meninas escreveram", "espera só até ler o livro novo da Sei Shonagon, vai ser um estouro", "Mulher, quero ver superar a beleza das canções que estão ensaiando lá no meu salão".

A Shoshi não era a esposa principal do Ichijo, era a Teishi. Uma das damas da Teishi era a Sei Shonagon, que escreveu o que se tornaria outro clássico da literatura japonesa, o Livro do Travesseiro. Então esses Salões era tipo uma sala de roteiristas que as esposas colocavam as mulheres juntas para produzir e tentar criar obras que superassem a das outras.

E a Shoshi agora tinha a Murasaki pra fazer frente ao talento das damas da Teishi, nesse clima gostoso de rinha de escritoras. Murasaki era braba na escrita, mas nesse ambiente super competitivo em que elas sempre tinham que estar se provando, as colegas não a levavam muito a sério, olhavam torto, não convidavam pra almoçar, essas coisas. Tem um poema que a Murasaki escreveu em seu diário que dizia o seguinte:

"O que está nas minhas mãos fazer/ se os outros me têm na conta/ de uma reles criatura/ não é seguramente razão/ para me desprezar a mim mesma."

A principal arma da Murasaki era ser super observadora e anotar tudo no diário. Ela registrava tudo o que via nessa vida da nobreza que era: as pessoas entregues ao ócio, só conversando, mandando bilhetinhos com poesia, indo visitar os amantes, virando a noite tocando música, bebendo, jogando, metidos nos próprios dramas, sem a menor preocupação de nem saber que horas eram.

Nos diários ela também falava da sua relação com a Shoshi, que não era nada baladeira, pelo contrário. Era muito séria, muito rígida com as suas damas e com ela mesma, cobrava disciplina, não queria que suas damas saíssem por aí dando mole pra macho. Diziam que a Shoshi era muito careta, que a corte dela era a mais flopada, e a Murasaki ouvia e registrava.

Quanta coisa a Murasaki devia saber enfiada no meio das pessoas mais poderosas do Japão. Ela tinha certa proximidade com a vida íntima do Imperador com as suas mulheres.

O que ela fez foi começar a usar essas suas observações sobre o comportamento das pessoas numa história um pouco diferente dos contos de fadas, que eram o tipo de história mais famoso na época: contos sobrenaturais, com personagens mitológicos, mas que já estavam ficando meio saturados. Algo meio os filmes de herói de hoje. Não, ela escreveu sobre pessoas que pareciam reais, reais demais. Mas era bem diferente de um diário, porque ali ela estava falando de personagens fantasiosos, que nunca existiram de verdade.

Isso explodiu cabeças.

Murasaki começou a escrever Genji Monogatari um capítulo por vez, e os manuscritos iam passando de mão em mão para serem lidos. Ou as próprias damas reproduziam à mão algumas cópias para mais gente ler, e os leitores ficavam doidos pela continuação.

A história começava um pouco conto de fadas, mas logo foi mostrando características que hoje se entendem como a do romance. Porque Murasaki contava a história pelos olhos dos personagens, navegava pelos sentimentos e pensamentos deles, ao invés de ações mais cronológicas, mais lineares.

Aquilo era muito doido, a sensação de estar dentro da cabeça dos personagens. Era uma exploração psicológica. E ganhava ainda mais a ilusão de proximidade porque falava de situações e de pessoas muito parecidas com a da realidade dos leitores.

As pessoas acabavam se enxergando naqueles personagens que tinham falhas, que não eram heróis perfeitos, seres extraordinários. Então o personagem do romance dava a chance aos leitores de se

entenderem, ou de viverem por um momento a vida de uma outra pessoa.

O Conto de Genji acaba sendo um registro quase muito preciso do que era viver nessa época. A forma que as pessoas falavam, por meio de poemas, os livros que as pessoas liam, como se vestiam, como eram as festas, a relação com a religiosidade; tudo lá, inclusive as traições, os ciúmes, os sofrimentos, as questões morais, todas as confusões humanas.

No ano de 1008 o primeiro capítulo foi lido em voz alta numa apresentação feita para o Imperador, que comentou:

"Essa é uma mulher sabida. Aposto que ela leu Crônicas do Japão"

E deu 5 estrelas no review.

- - -

O Conto de Genji demorou ainda alguns anos para ser finalizado. Foram ao todo 54 capítulos, concluídos apenas em 1022.

O Imperador morreu antes disso, aos 31 anos, de cólera. Nunca chegou a saber como a história de Genji termina. Teishi também morre jovem, e em vez de seus filhos serem coroados, são os filhos de Shoshi que sucedem o pai no trono. Pouco depois da morte do marido, Shoshi renuncia como Imperatriz e se ordena como monja num templo budista, onde viveu, carequinha, até a sua morte aos 86 anos.

Dizem que os últimos capítulos do romance teriam sido escritos pela filha de Murasaki, que também teria falecido antes da conclusão do romance.

Já a história de Genji atravessou gerações. Inspirou vários artistas da época, séculos depois foi adaptado para filmes, animes, peças de teatro, virou tema de episódios de podcast. Hoje, o romance de Murasaki faz parte do currículo básico das escolas japonesas. Aliás, o rosto da autora estampa a nota de 2000 ienes.

O Conto de Genji é considerado o primeiro romance já escrito, pelas características da narrativa voltada para o personagem, como eu contei aqui, mas é um pioneirismo em disputa, não é um consenso.

De qualquer forma, foi um romance que marcou, que influenciou muito a literatura, não só japonesa, mas mundial.

É um livro que continua sendo lido, estudado, gerando conversas.

Inclusive sobre suas traduções, que foram um desafio, inclusive para os que traduziram a obra do japonês arcaico para o japonês moderno. O texto original é tão sofisticado e cheio de mecanismos

poéticos e simbolismos muito próprios daquela época que muitas dessas nuances foram se perdendo nas traduções.

Foi a versão de Arthur Waley, que traduziu para o inglês, em 1925, que levou essa história ainda para mais longe. Porque a tradução da obra para muitos idiomas partiu dessa versão.

Uma versão que chegou, por exemplo, nas mãos de Virginia Woolf, uma das maiores romancistas da humanidade, que escreveu o seguinte sobre o tipo de escrita de Murasaki – vou ler aqui na tradução de Emanuele Siqueira:

É o comum que é maravilhoso, e se vocês se deixarem abater pela extravagância e bravata, pelo que é surpreendente e momentaneamente grandioso, serão privados do mais profundo prazer.

E encantada, ela termina:

Todas as comparações entre Murasaki e os grandes escritores do Ocidente servem apenas para revelar sua perfeição e sua força. Mas é um belo mundo; a silenciosa dama com toda a sua criação, percepção e humor, é uma artista perfeita.

- - -

Além de quem escreveu o primeiro romance da história, tem uma outro tópico controverso que é a relação entre fofoca e literatura. Fazer ficção se compara a fazer fofoca? Já que a pessoa que escreve acaba usando coisas que ela sabe da vida dos outros?

Sei que está na moda gostar de fofoca, entendo que o isolamento tenha deixado todo mundo muito ávido para saber da vida dos outros, sei que a fofoca tem essa função de criar vínculos entre as pessoas através de uma terceira pessoa da qual se fala, que nunca está presente na conversa. Porque esse distanciamento de quem conta com quem protagoniza a fofoca permite se julgar o comportamento dessa pessoa.

A fofoca tem um caráter de julgamento. De julgar se essa pessoa foi babaca, de avaliar as atitudes dela. Acaba sendo uma chance de fazer uma análise de uma situação sem viver a situação. Observar o erro dos outros de um lugar seguro.

Já o romance é algo artesanal, que foi trabalhado. O romancista recria a realidade dos fatos, mistura um monte de coisas para no final das contas a história não ser sobre o que fulano fez, o que fulano disse, mas ser uma forma de implicar o leitor: o que isso tem a ver comigo? Por que isso me toca? É uma forma de colocar uma lupa, de ampliar o que a gente sabe das pessoas ou pra ajudar a ver beleza daquilo que na realidade a gente não presta muita atenção.x

Se Murasaki fosse uma fofoqueira, será que ainda hoje a gente estaria falando das histórias dela?

- - -

Que satisfação enorme estar de volta com esse podcast! Eu estava sentindo muita falta, e você? Depois de um ano difícil, um ano escuro, vem aí... mais um ano escuro, porque não tem nenhum indicativo que não vá ser, mas, pelo menos, com mais episódios de podcast, assim espero!

Por isso, não poderia deixar de mandar um salve especial e meu agradecimento aos meus apoiadores, patrocinadores, embaixadores, os também chamados Valekers, que financiam este podcast e permitem que este empreendimento sonoro aconteça.

Muito, muito obrigada pela força!

Você gostou do que ouviu? Você curte Bobagens Imperdíveis? Então você pode vir para essa turma também, em apoia.se/alinevalek.

Você também pode conhecer os meus romances e as outras coisas que eu escrevo em alinevalek.com.br.

Ah, a novidade desse ano é que Bobagens Imperdíveis está na rede de fotos mais desgraçada do planeta, o Instagram, na arroba bobagensverso, que será o blog visual deste podcast que você ouve.

Um beijo, até o próximo episódio e... continue não confiando no narrador!